

Os caluniadores  
são como o fogo,  
que enegrece  
a madeira verde  
sem a poder quei-  
mar.

Voltaire

ANO VI — N.º 146  
DEZEMBRO  
15  
1 9 5 7

AVENÇA

# A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
FARO  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Loulé  
Telefone 216



## Saudação do Natal



Na hora de fraternidade e solidiedade humana que se apróxima sentimo-nos dominar por uma profunda sensação de ternura e carinho a que a mística Cristã, emprestou um calmo prestígio de bondade universal.

Parece que o tumultuar das paixões entre os homens e as Nações, a agressividade dos ânimos, a exaltação do ódio, do medo, da inveja, da intriga e da maldade, se acalma, em reverente homenagem à grandiosidade da Hora que a humanidade celebra e glorifica.

Há como que uma acalmção, uma sedação ou torpor, nascida de um embevecimento mundial, que faz retardar, por alguns dias, as manifestações ou intensões violentas, provocadoras ou agressivas, para dar lugar a uma espontaneidade de generosa benevolência, de tolerância ou indulgência que propicia um melhor entendimento de amizade, de harmonia, de fraternidade e estima humanas.

Parece-nos até que se avivam saudades, que se recordam com mais suavidade amigos e familiares ausentes, que nos domina um espírito de comunhão espiritual tendente à evocação afectuosa de todos como parentes, como irmãos, como se houvesse um vínculo, um elo de ligação comum indissolúvel.

E é neste espírito de confraternização, nesta afinidade para a carinhosa recordação, que nos dirigimos a todos os louletanos, a todos os nossos amigos, leitores, simpatizantes e assinantes dando-lhes uma palavra amiga, uma saudação afectuosa, um testemunho do nosso apreço.

A todos apresentamos uma viva expressão de camaradagem, de solidariedade, de fraterna congratulação e a todos expressamos os nossos desejos de que vivam melhor e mais satisfeitos a hora que se avizinha, a Hora do Natal!

Longe ou perto de nós, na nossa Vila, no Continente, nas Ilhas Ultramarinas, nas Províncias do Império, na América do Norte, na Argentina, na Austrália, na África do Sul, no Canadá, na Espanha, na França, no Brasil, na Venezuela, ou em qualquer outra Região ou País, onde quer que se encontre um leitor de «A Voz de Loulé», que sinta este vivo e ardente cartão de Boas Festas, este amigo desejo de um Natal Feliz!

Esta é, para nós, a melhor oportunidade que temos de a todos considerar amigos, irmãos, parentes, e a todos dar o toque de fraterno aperto de mão!

R. P.

## POSSIBILIDADES Turísticas Algarvias

II

### O PROBLEMA HOTELEIRO e o Turismo Algarvio

Intimamente ligados a questão de alojamentos e a do turismo, entrecrocaram-se, sendo causas e consequências, mútuas e lógicas. É o caso, que para se desenvolver o turismo, necessário se torna existirem hotéis ou estabelecimentos similares, onde o turista encontre o conjunto de condições mínimas, que o conforto e o nível de vida moderna exigem. Por outro lado e encarando o problema pelo aspecto oposto, somos forçados a considerar que uma zona com boas possibilidades turísticas pode ser um excelente meio para o florescimento da indústria hoteleira, desde que a iniciativa particular se patenteie suficiente e disposta a encarar a questão com a firmeza e o sentido turístico e comercial, que o problema exige.

No Algarve, talvez que o seu

número seja reduzido, se bem que o turismo actual, não justifique a construção dum elevado número e a iniciativa e a capitalização, não sejam sobejantes.

Ultimamente, foi a vez de Albufeira ver resolvida uma sua justa aspiração com o anúncio do início das obras do novo e projectado hotel, que vai ser construído por iniciativa dum prestigioso algarvio, a quem aquela estância já deve alguns melhoramentos, que a têm beneficiado sobretudo no aspecto habitacional e industrial. cremos que o hotel será um meio de fixação de turistas, sobretudo do estrangeiro, e que por falta de melhores condições, são obrigados ainda que contrangidos a despeito das belezas naturais desta zona turística a procurar alojamento noutras localidades. Aquela praia, maravilhosa pelos seus panoramas invulgaes e poéticamente belos, pode vir a beneficiar grandemente com a construção do hotel e também dessa outra grande obra, que é a Colónia de Férias da F. N. A. T., cuja 1.ª fase está quase concluída. São obras destinadas a públicos diferentes, mas com o que Albufeira vai lucrar imenso e ver ampliadas as suas actividades, em vários ramos.

A Praia da Rocha, é sem dúvida a zona algarvia melhor servida e onde o turista atinge a máxima expressão na nossa província.

Uma série de construções — hotéis, casino, esplanadas, etc. foi e é um complemento indispensável da obra da natureza, transformando a Rocha numa das melhores estâncias balneares portuguesas e de maior prestígio no estrangeiro, sobretudo pela amenidade do clima.

A projectada Pousada que o S. N. I. havia proposto construir em Sagres, iria beneficiar grandemente a região barlaventina, se atendermos à circunstância de ser das zonas menos beneficiadas em matéria de melhoramentos com fins turísticos e de ser dos locais, hoje já grandemente frequentados e com uma ampla perspectiva futura, se o Monumento ao Infante, tivesse sido uma realidade, o que, se diga em abono da verdade seria justíssimo.

No sotovento parece-nos em primeiro lugar a cidade de Faro, já bem dotada e em breve favorecida pela conclusão das obras da 2.ª fase do Hotel Aliança.

O outro ponto importante é Viro (Continuação na 3.ª página)

## O QUE O ALGARVE paga de imposto de sisa

No ano findo, o imposto de sisa pago pelos concelhos do Algarve foi o seguinte: Faro, 898.859\$00; Loulé, 475.037\$00; Portimão, 390.266\$00; Silves, 337.752\$00; Tavira, 328.210\$00; Olhão, 324.814\$00; Lagos, 256.635\$00; Vila Real de Santo António, 211.944\$00; Monchique, 175.202\$00; Albufeira, 151.051\$00; Alportel, 105.134\$00; Lagoa, 82.979\$00; Vila do Bispo, 74.245\$00; Aljezur, 74.242\$00; Castro Marim, 62.103\$00; Alcoutim, 65.124\$00, o que soma 4.009.587\$00.

## Exposição Bibliográfica e de Filatelia ESCUTISTA

Pelo sr. Matias Gomes Sanches, Presidente da Câmara Municipal, e perante numerosos convidados, foi inaugurada às 11 horas do dia 1 de Dezembro, no Clube Náutico, a Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escutista organizada, como noticiámos, pelo Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal.

O Chefe do Grupo organizador expôs as finalidades da Exposição, no duplo aspecto bibliográfico e filatélico e a sua associação às comemorações, decorrentes em 1957, do centenário do nascimento de Baden Powell e do Jubileu do Escutismo. A seguir, o sr. Presidente do Município, cortando a fita simbólica, declarou inaugurada a Exposição, que visitou com manifesto interesse, folheando algumas publicações escutistas, das muitas centenas expostas, e apreciando as inúmeras séries de selos, blocos e sobrescritos, alusivos ao Escutismo. No final da visita manifestou o seu agrado pelo que vira, felicitando os organizadores, para os quais teve palavras de louvor.

O júri do certame filatélico, primeira exposição de filatelia temática escutista realizada no nosso País, composto pelos srs. Dr. Reinaldo Raúl Frazeres, Júlio Mendes e Emílio Diogo Costa, atribuiu o 1.º prémio, medalha de vermeil, à colecção n.º 4, do sr. José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António, o 2.º à colecção n.º 3, do sr. José Manuel Miranda Melo, de Lisboa, medalha de prata, o 3.º, medalha de cobre, à colecção n.º 1, do sr. Joaquim Soares, de Castro Marim, e o 4.º menção honrosa, à colecção n.º 2, do sr. José Eduardo Pena Ribeiro, de Lisboa.

Visado pela Com. de Censura

## QUARTEIRA... a nossa praia

Realmente, este problema de Quarteira tem de ser mais agitado, mais debatido, mais aprofundado, melhor estudado pois de contrário, continuamos na mesma.

Ora calcule-se que, a propósito do Plano de Urbanização ainda há quem tenha ideias tão extravagantes que possam dar a impressão de que esse imprescindível elemento de valorização e única base de todo o progresso de Quarteira, é prejudicial aos interesses da Praia!

E assim foi possível, ler há dias neste jornal, que o Casino ia ficar nos Cavacos, que se iam deitar abaixo blocos de construção e outras fantasias semelhantes.

Ora a comentários destes, só poderíamos responder... batatas. Mas para que as pessoas mal ou deficientemente informadas possam fazer uma ideia aproximada das linhas gerais do Plano de Urbanização e para desfazer ou pulverizar as más intenções com que se espalham estas atoardas e esses dislates, vamos-nos dar ao trabalho de tentar explicar, em linhas gerais, as directrizes do Plano.

Quarteira tem hoje, urbanisticamente a configuração de um triângulo cujos lados são a rua principal e uma linha que, partindo do início da povoação do lado de Loulé, vá directa à Praia. A base do triângulo seria assim a Avenida Marginal.

## Hipotecas

No ano passado, foram hipotecados no Algarve 612 prédios, no valor de 72.684 contos, para garantir a importância de 20.236 contos. Foram desonerados 512 prédios que garantiam hipotecas no montante de 17.573 contos.

## DESCONTOS

Fizeram-se no Algarve, no ano findo, descontos bancários no total de 904.892 contos, inais 106.513 contos que no ano de 1955.

## Um trecho de bom humor...

## Um caso único em futebol!!!

pelo primeira vez na história de uma taça  
PERDERAM OS DOIS...

Caros ouvintes! Daqui fala-lhe a R. A. B. C., para transmitir o jogo do «Ano e da Semana». Disputa-se uma «Panela de Pressão», para 11 pessoas, que ambos os Lares de Jogadores pretendem adquirir, custe o que custar, a pronto de pagamento de «batatas» na «arrecadação» do adversário. Devemos esclarecer que este termo de «arrecadação», em chinês, quer dizer baliza, pois é ali que os grupos arrecadam as «batatas», os «frangos» e até as derrotas. Trata-se de um novo sistema de taça, utilitário, para 15 litros de sopa, que qualquer deles não quere deixar de adquirir.

Nesta sessão será conferente o nosso conterrâneo e distinto Engenheiro sr. José Maria Farrajota Cavaco.

Os alunos premiados deste ano são: Carminda Maria Mariano Cavaco, Alvaro Pedro Café, José Ruizinho Brazão e Fátima Maria de Bento Guerreiro.

## Emigração

Para conhecimento dos interessados informamos que salvo apenas algumas excepções, não pode ser passada autorização para emigrar, a indivíduos de mais de 14 e menos de 35 anos, que não possuam, pelo menos, o exame da 3.ª classe.

De interesse para o turista apenas oferece como elemento de apreciação esta Avenida, que só, eufemisticamente, assim se chamará, a uma rua de 10 metros que é simultaneamente, estrada, rua, passeio e pista de automóveis e bicicletas. A circunstância de estarmos habituados a ver as duas barracas-bars de um lado onde se sentam as pessoas para apreciar quem passa na rua, dá-nos a impressão de que estamos num passeio. Mas, concluir, por esse facto tão insignificante e precário que Quarteira tem um passeio, é cegueira completa. Tirem-se de lá as barracas e isso é coisa que mais dia, menos dia, tem de suceder e respondam-nos que condições de passeio ou sala de receber ou de estar tem a actual Avenida.

E é por isso que o problema estudado no Plano de Urbanização, a que nos não cansamos de render elogios, previa a constituição de uma praça, jardim ou passeio no local onde está hoje a esplanada.

Nessa praça, ou passeio, com o mar em frente e no ponto central da Praia, aí teríamos o fulcro de toda a vida de Quarteira, praia de banhos.

Querem condenar Quarteira como praia, a uma rua á beira-mar, é curta de vista, é ausência completa de sentido estético é mesquinhez de compreensão.

Sendo Quarteira, pelas suas condições climáticas, pela segurança do piso e pela vastidão da zona da Praia, aconselhada para crianças, será admissível que se deixe a sua rua única continuar aberta ao trânsito, ao devaneio

(Continuação na 3.ª página)

## Dicionário de Música

Recebemos o fascículo n.º 20 do «Dicionário de Música» (ilustrado), por Tomaz Borba e Fernando Lopes, consagrados musicólogos, contribuindo mais esta valiosa edição Cosmos para o aumento da Cultura.

O presente fascículo conclui a biografia do maestro Franz Schreker e começa a do maestro Richard Strauss, que vai terminar no n.º 21.

a sua «metralhadora» de 1.500 à hora. Que horrível desastre!!! As duas equipas foram para o «metaneta»! Três sem cabeça, seis sem pernas e alguns trucidados pelo meio! Um horror! Quando as direcções olharem as fotografias, decerto, vão pedir indemnizações fabulosas.

Começa a grande partida. Os jogadores e a bola correm ao desafio. E um e outro desafio dentro do próprio jogo... A bola não corre, vaa. Porém como os jogadores são anjinhos sem asas... Não voam, correm para mostrar fôlego e preparação cuidada...

A bola já saiu três vezes pela linha lateral, em cinco minutos. Não quer ser bola nos pés desta gente, mas o árbitro agarra-a, ameaça-a, e vai de novo ser lançada para o terreno, por Canhão.

Gaitinhas numa disputa de bola, mais rijinha, é carregado por Marreta e fica fãnoho. O árbitro castiga os «Mineiros» com um pontapé de... «livre trânsito».

Fum-fum lança bem, e dá-se agora uma fuga do «Girafas», com Lecas, Lucas e Pim-Pim, em grande estilo, a que Janota opõe prisão... Este aprende o furto, examina, e ao ver que se trata de (Continuação na 3.ª página)

## Casa do Algarve

Desta simpática Agremiação Regional recebemos um caloroso cartão de agradecimento pela acção que temos desenvolvido na propaganda das benéficas actividades daquele Digno Sector, representante pundonoroso dos interesses da nossa Província.

Nada tem que nos agradecer quando, como no caso presente, mais não fazemos que cumprir um simples dever de todo o bom algarvio.

Como nos anos anteriores, a Comissão de Beneficência da Casa do Algarve, distribuirá o habitual Auxílio do Natal, pelo maior número possível de algarvios necessitados, residentes em Lisboa. Para o efeito está aberta uma subscricção cujos donativos atingem já mais de seis mil escudos.

Também na mesma Casa Regional se prepara a tradicional festa da «Passagem de Ano» que mais uma vez promete revestir-se do brilhantismo dos anos anteriores.

## Alciedade Portuguesa

### FEMININA

Avisam-se os interessados, de que todas as alunas do ensino particular individual e doméstico, que pretendam fazer exames de Admissão ao Liceu ou Escola Técnica, deverão inscrever-se na respectiva Subdelegacia Regional da M. P. F. até fins de Dezembro, sem a qual não lhes poderá ser passada a declaração para efeitos dos referidos exames.

## Colonos para Angola

Durante o primeiro semestre do ano corrente desembarcaram em Angola 1.209 colonos, ficando 663 em Luanda, 190, no Lobito e 356 em Moçâmedes. 515 eram do sexo masculino e 694 do feminino. Por idades, 586 tinham menos de 14 anos, 154 entre 14 e 21 e 469 mais de 21 anos.

Estes números confirmam o povoamento do Ultramar, através duma forte corrente de colonos necessitados, que ali vão desenvolver o progresso e melhorar as suas condições de vida.



### ABERTURA

Diz a locutora de serviço, D. Salsa Cidla, que vai começar mais um programa de televisão, radifundido dos estúdios de Lisboa e directamente transmitido para os tele-espectadores louletanos.

... E nós acreditamos!

### ROTEIRO

Estas imagens foram televisonadas ao meio dia. Ousamos dar esta desnecessária explicação, porque as imagens são mais claras do que as normais: É a propósito de clareza, encontramos-nos num dos modernos bairros da capital: o de Alvalade. Um

(Continuação na 4.ª página)

18 DEZ. 1957



ANO I  
N.º 22  
15 DEZEMBRO  
1957



Correspondência  
para  
Casimiro de Brito  
Rua Bocage, 140  
FARO

## Fala-se de Teatro

### Comentário a um Comentário

por FERNANDO MIDÕES

É já muito cómodo lugar comum falar-se em crise do Teatro em Portugal. Para um conhecedor das coisas da Arte, mas alheio ao nosso panorama de Arte e Cultura, a simples afirmativa crise será motivo de regosijo na medida em que, só há progresso — passe o termo — artístico, numa ambiência de crise, ou seja, no fazer ruir dos elementos atingidos pela senilidade dos academismos, substituindo-se por outros novos, ou na fusão de novas fontes com aquelas outras já antigas mas que ainda não estão secas da seiva estética e humana que é condimento da obra de Arte. Mas, se o nosso hipotético conhecedor das coisas da Arte e Cultura mergulhar na estagnação, no provincianismo, na falta de honestidade e até virilidade, no insincerismo das nossas vivências no plano Cultura-Arte, concluirá que não há um estado de crise mas sim um estado de coma, que, onde julgaria encontrar um parto, parto de novas luzes, novos caminhos, encontra a lenta agonia que precede a morte e um inevitável cortejo de gatos pingados cumprindo com velado sadismo o seu trágico ritual.

Se focarmos o problema para a zona cénica, veremos que a questão se torna numa acuidade desesperada. Já não há público (nem sequer por simples snobismo); já não há escolha de peças (e há todo um repertório nosso e alheio, de ontem e de hoje, que nos condenam a conhecer através do livro quando o Teatro é palco); já não há entusiasmo pelo estudo (que, pese embora à opinião de muitos, a inspiração dos deuses benévola reflectida sobre nós, não chega); já não há direcção (sobejam os dedos duma só mão para as excepções); já não há espírito de conjunto e trabalho de anos mas improvisação desonesta e esbracejar individual para as girândolas fáceis dum resto de público mentecapo que só ama no Teatro frequentar camarins, ou mais concretamente, as horas da noite que se seguem aos camarins; já não há uma crítica robusta que lute, eduque e critique (uma ou duas abencerragens remam ainda contra a maré); já não há cenaristas, decoradores, contra-regras, etc., etc., etc.; já não há onde representar...

Já não há onde representar! Enquanto por toda a parte se erguem locais cénicos, quer de sala quer de ar livre, entre nós vão-se derrubando os poucos que há ou cedendo à exploração cinematográfica! Em Lisboa, nos últimos dez anos, ergueu-se somente um Teatro, que, insólitamente, apresenta as novidades de arquitectura teatral de há quase meio século, e o Teatrinho do Palácio Foz, remodelado, servindo para recitais, música, cinema, mas sem condições técnicas para a mais ligeira representação teatral. Apegados a um conceito duzentos por cento materialista de investimento de capitais, não há quem arrisque o simples trazer ao papel duma sala. Caiu o Apolo, como outros já caíram, e como a promessa da urbanização de Lisboa nos afirma que em breve outros cairão. Está certo. Porquê caixas de sapatos a servirem de salas de espectáculos? Mas, a substituí-los, o que surge? — A vaga promessa duma sala no plano do Palácio da Cidade. Chega? Mas, certamente, deixemos o pessimismo. Pois se Lisboa ainda só ronda o milhão de habitantes!

Para quando o fim da legislação fossilizada que só permite o funcionamento de teatros em edifícios estritamente a esse fim destinados? O sr. Secretário Nacional da Informação já prometeu ocupar-se do assunto, mas até lá, nos prédios novos, só podemos ver exposições de automóveis ou desembolsar os centavos da «bica» diária. Por toda a parte se aceitou o funcionamento teatral em prédios de rendimento na medida em que desapareceram, ou foram reduzidos, os motivos que a tal obtinham, mas o nosso burocratismo legal ainda se não convenceu do mesmo.

É «documento elucidativo» o «Comentário de Teatro» de Redondo Júnior no Século Ilustrado de 14 de Setembro último. Foi ele que motivou o nosso comentário. Há que reagir porque, se um dia Pessoa afirmou, num arroubo crítico, que tínhamos «ideias gregas e ruínas romanas», amanhã alguém terá que afirmar que nós nem ruínas deixámos.

Só a falta de espaço nos obriga a não fazer minucioso comentário ao comentário de Redondo Júnior. Sobre ele prometemos em breve escrever.

A fechar, as palavras de Louis Jouvet acerca do espaço cénico, retiradas do fascículo quinto de Teatro Moderno de Luis Francisco Rebello, obra que ainda não vimos aplaudida como é de elemental justiça, o que não admira, num meio onde impera o onanismo intelectual de três ou quatro monstros sagrados e a preocupação de prostituir um público ingénuo e desorientado através das receitas mais grosseiramente pornográficas ou caducas, falhas de significado nos nossos dias: «Na «ressurreição» de uma estética dramática, o verbo pode desorientar-nos, mas não o edifício — que nos diz, estrita e integralmente, o que tem para nos dizer. Eis porque sonho às vezes que a exemplo de Cuvier, um dia poderia estudar a arte do teatro a partir da sua arquitectura, reconhecer a função esquiliiana graças ao esqueleto de Diónisio ou de Epidauro, a de Shakespeare através dos restos desse animal desaparecido que era o Teatro do Globo, a de Molière nesse Versailles em que foi representado — em resumo, fazer brotar de uma pedra como de uma vértebra o corpo vivo de um mistério passado».

Setembro de 1957

FERNANDO MIDÕES

## Rua única

Rua única. Proibida  
Violada  
Desflorada  
Como as demais.  
Sem um sinal  
De ternura  
Sem uma ponta  
De cais.

Rua Única... Não. Rua da Vida  
Do amor que me negais.

Angra, 2-8-57

ALMEIDA FIRMINO

do livro «A Saudade Divina»

## Impressões de leitura...

«O FIM DA NOITE», de François Mauriac

Sem dúvida esta Teresa Desqueyroux, embora ligada à outra do romance do mesmo nome (ela própria, noutro aspecto da sua vida), tem vida própria como personagem neste belo romance que é *O fim da noite*. Por isso mesmo, e o próprio autor o confessa no prefácio deste volume, não é necessário ter conhecido a primeira Teresa para nos interessarmos por aquela de quem narro aqui o derradeiro amor. Assim é, o que, no entanto, não obsta a que nos interessemos, depois de termos lido este fim de uma mulher que amou, pela releitura da sua juventude, dos seus erros, da sua obscuridade, do seu viver.

É a história de uma mulher na curva última da vida, uma mulher doente, mas que precisa de amar ainda; de amar e de compreender, e à volta desta dualidade de desenvolve o fio de meada, com aquela subtil simplicidade que Mauriac dá às suas obras. *O fim da noite*, escrito há mais de vinte anos, é o último romance publicado de Mauriac, Nobel de Literatura. Dir-se-ia que o Autor pretendeu terminar a sua obra romântica com a mesma ambiguidade com que terminou a vida romanesca dessa sua Teresa: em amor — fim. No entanto desmente-o a sua vivacidade intelectual, que, depois de 35, continuou a ser, embora por diferentes caminhos: o seu *Journal* aí está a prová-lo.

C. B.



## UM POETA de vez em quando

ORLANDO DA COSTA, publicou em Lisboa (1951) o seu primeiro livro «A ESTRADA E A VOZ» a que se seguiu «OS OLHOS SEM FRONTEIRA» (1953) que a crítica acolheu com uma certeza confirmada na poesia e em 1955 — o seu (MALGRADO +) como ele escreve — «SETE ODES DO CANTO COMUM», todos incluídos na colecção cancionário Geral.

Nascido em Lourenço Marques, filho de pais indianos, foi educado em Goa donde saiu aos dezoito anos, formando-se na Faculdade de Letras de Lisboa, em História e Filosofia.

Numa época caracterizada de gélido individualismo, homenagear nesta página de gente nova, um novo que alaga os olhos pelo mundo dos seus irmãos, ignorando fronteiras e desenhando um abraço redondo e quente pela terra de cardos e aves feridas, é saudar todos os que de consciência esclarecida e audácia na voz, procuraram em beleza o voo alto duma liberdade mil vezes ensaiada e prometida, mil vezes fracassada.

É saudar todos os famintos duma integração paternal e essencialmente humana, é saudar todos os que, como ORLANDO DA COSTA, deram à poesia uma missão social que é também religiosa e actuante.

M. R. C.

## BAPTISMO

11 DE NOVEMBRO

Ai fomos homens que a estrada juntou

Pelo passo que demos e não recuou  
Chegou por nós a luta  
Chegou por nós a dor  
Fizemo-nos irmãos  
Em punhos e suor.

Ai fomos homens que a vida gritou

Pelo canto que erguemos e não calou  
chegaremos bravios  
Ao encontro dos povos  
chegaremos como ventos e alvorada  
Juntando aos rios  
As pedras da estrada.

Homens que a estrada baptizou.

Do Livro «E A ESTRADA E A VOZ».

Para que o amor ainda reste  
Entre os cantos decepados  
Da manhã que persistimos em cantar

O chão da nossa seiva é mesmo este.

Este em que só alvoradas de fome  
Alastam do fogo das enxadas  
Passos de seara por ódios sombrios.

Para que a beleza saia suada das mãos  
E nos olhos simplesmente abra  
Um destino alegre de rios.

O chão de nossa seiva é mesmo este

O chão em que até a primavera é agreste  
E donde é triste o voo das aves  
Entre nós e o silêncio descarnado das grades.

Do Livro: «OS OLHOS SEM FRONTEIRA»

## OS ARLEQUINS

a PABLO PICASSO

Vêm nas tardes vazias e suaves  
De corpos desfeitos em cor e angústia  
E semeiam pela tristeza impossível  
Malmequeres, luar, cravos

Desesperado  
Um pássaro canta lhe nos dedos  
A eterna canção  
E nos seus lábios rasgados  
Amanhecem-lhes lágrimas, sangue.

São os poetas das noites claras e das flores  
Os mensageiros dos sonhos frustrados

Têm uma estrela  
Mas nunca a souberam.

Coimbra

RUI MENDES

## Inventário filmográfico

### Demónio Dourado

filme japonês de Koji Shima

A nova temporada de cinema começou para nós, aqui no Porto, com o filme japonês «Demónio Dourado». Do Japão sabemos o que todos sabem — Hiroshima e Nagasaki, gueishas e Madame Butterfly, Venceslau de Moraes e Lafcadio Hearn, hara-kiri e rostos patibulares dos «hollywoodenses» filmes de guerra.

Não sabemos nada, portanto. Ora este filme não nos ajuda muito a conhecer o Japão. E eis, pois, uma primeira limitação. É claro que não pretendemos reivindicar para o cinema funções de folclore, ou de cartaz de turismo. Todavia, para nós, um filme japonês que equacionasse uma problemática especificamente nacional teria um interesse que este filme baseado numa história melodramática e convencional não possui. Dissemos — uma história melodramática e convencional. No entanto, quem desconhece inteiramente a literatura do Japão, como inserir nas suas coordenadas, aquilo que se melodramático e folhetinesco existe nesta história de amores mal sucedidos. Será na verdade melodramática esta história — melodramática em relação à literatura e ao estilo de vida japoneses? Que responda quem souber. Dissemos — história melodramática e convencional. No entanto, e pelas mesmas razões, será convencional esta história, e a maneira como foi traduzida cinematograficamente? Em arte, pensamos nós, convencionais são as coisas que não funcionam em termos de humanidade. Até que ponto não tem esta história, aparentemente banal e dada em termos estereotipados, um conteúdo humanístico, uma autenticidade e uma verdade que superam as fraquezas do argumento e as facilidades da encenação?

Até que ponto não correspondem, resumindo, o melodramatismo e o convencionalismo deste filme, a uma tomada de consciência, à luta por uma posição inconformista? Não sabemos que responder. Lembramos apenas a cena da praia e chamamos a atenção para as palavras de despedida do moço apaixonado: «Vou-me embora. Vou deixar os seres humanos». Eis algo que não se espera. E que significa, na verdade, essa aparente desistência? O moço suicidar-se-á? Ingressará num convento? Irá para uma guerra qualquer? Nada disso. Simplesmente, transformar-se-á num usurário, vingar-se-á do poder do dinheiro, dominando-o, à custa do sacrifício das suas convicções. E a solução que essa atitude desesperada não trouxe, só chegará com a perda de tudo e o regresso a uma visão humana e compreensiva da vida. Assim o filme aflora alguns problemas que, sendo, talvez, mesquinhos e parecendo-nos absurdos, são ainda dos nossos dias: a agiotagem levada às últimas consequências, o desprezo pelos sentimentos alheios, as imposições a favor de vagas considerações humanitárias, o mal-estar da vida familiar. E não se diga que o filme termina mal — porque acaba bem. Há evidentemente uma lição a tirar — uma lição que por ser de esperança merece ser atendida.

Onde o filme me pareceu bastante convencional foi na parte estilística. Quer fazer bonito em cinema resulta quase sempre em pintura mediocre e mesmo em imagem de bilhete postal. Infeliz também o recurso a uma simbologia convencional: a lua que se esconde, um corvo que esvoaça, pombas que levantam voo. Aquela sucessão de motivos musicais nipónicos e ocidentais (que, aliás, não é gratuito), aquela asfixia dos diálogos a dar à obra características teatrais, igualmente nos pareceram mal.

Tudo isso, porém, não invalida o que gostaríamos de demonstrar — que se trata de um filme que vale a pena ver, cheio de coisas realmente belas.

CARLOS PORTO

## Interrogação



linóleo de Esperança Araujo



Sábios os meus olhos  
Sábios teus desejos

Quem sabe se da música do teu corpo  
E da incerteza das minhas mãos  
Não haverá um poema de carne e terra  
Para construir?

Beja

FERNANDO MIDÕES

## Noticiário «Prisma»

\*\*\* O escritor Manuel Ferreira informa-nos que vai fazer editar «TEXTOS ULTRAMARINOS», uma nova Colecção que incluirá obras de prosadores e poetas do Ultramar Português, bem como obras de autores nascidos na Metrópole mas que se fundamentam na realidade ultramarina. Todos os assuntos referentes a esta nova Colecção (pedidos de assinatura, esclarecimentos, etc) poderão ser endereçados para: Manuel Ferreira, R. da Electricidade, 53 — Caldas da Rainha.

\*\*\* Serão brevemente publicados, segundo informação dos próprios autores, os seguintes livros: «A Saudade Divida», poemas, de Almeida Firmino; «O Gesto Suspenso», poemas, de Orlando Neves; «Histórias da Solidão e das Estrelas», de Maria Rosa Colaço; «Sapateiros», romance de A. Vivente Campinas; também o Carlos Alberto Jordão e o Eduardo Olímpio se preparam para publicar os seus livros.

\*\*\* «Depoimento sobre Cinema» é o nome do livro que Baptista Bastos, jovem cronista cinematográfico do «Século Ilustrado», vai publicar brevemente. Este livro, aguardado com expectativa, dá-nos, além de várias críticas, um largo ensaio sobre o cinema português: CRISE DA HONESTIDADE, um ensaio sobre o desenho animado particularmente sobre Stephen Busustow e apresenta ainda, com largos comentários, uma Galeria de realizadores dos mais representativos.

\*\*\* A Editorial Estúdios Cór acaba de distribuir o 5.º fascículo da sua monumental publicação, O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES. Colaboram nesta grandiosa obra os maiores valores da nossa literatura, como tradutores, e da nossa pintura, como ilustradores. Recomendamos esta obra incomparável a todos os interessados pela formação de uma Biblioteca Clássica, onde uma obra desta natureza, não deve faltar.

\*\*\* O orientador desta página, informa que o seu livro, «Poemas da Solidão Imperfeita», será publicado ainda este mês, pelo que os interessados no seu *Livro Negro* poderão dirigir-se-lhe por carta. Entretanto trabalha na preparação de mais dois livros, «Raio de Vida» contos algarvios e «O Punhal Clandestino», poemas agrestes.



# «Loulé... em retrato»

Nesta quadra festiva do ano, fica bem uma palavra de gratidão amiga e bem sincera a todos os leitores que se interessam por esta tribuna, de onde temos procurado criticar com elevação e acentuado amor por Loulé, aquilo que entendemos corresponder a um melhoramento público, a uma elevação de princípios ou a uma melhoria do nível moral ou cultural do nosso concelho.

Essa palavra amiga, que representa a validade dos mais vivos desejos de um Natal Feliz e de um Ano Novo cheio de alegria e prosperidades, endereçamos-la a todos que nos leem.

Louletanos ou simples amigos, mourejando pelo País, pelo Ultramar por terras estrangeiras, mais próximas ou mais longínquas, que este eco chegue até vós, o que nesta vulgar expressão de «Boas Festas» seja o abraço faterno e afectuoso de quem ao pegar na pena, todas as semanas, vos traz no coração e no pensamento!

E até para aqueles que nos leem com despeito, aborrecimento, desprezo ou ódio, aqueles para quem a nossa prosa pode ser apenas objecto de curiosidade doentia, ainda para esses: os nossos melhores desejos de Boas Festas.

E vulgar aos domingos, juntar-se no «Hall» do Teatro, muita gente para a aquisição e levantamento de bilhetes.

Raparigas, rapazes, senhoras e senhores que procuram obter o indispensável cartão de apresentação ao porteiro, para apreciarem com apazamento espiritual o filme que representa o prémio de compensação de uma semana de trabalho.

Mas essa corrida à bilheteira é feita muito tumultuosamente e, na generalidade, sem a assistência de autoridade que imponha uma certa regra ou ordem.

Daqui resulta que há pessoas egoístas — não queria dizer mal educadas — que tendo em pouca conta o respeito pelos outros, chegam atrasadas e a título de falarem com outras, sob qualquer desculpa e até algumas sem desculpa alguma, ultrapassam o seu lugar e vão avançando descaradamente, não respeitando aqueles que, mais conscientes dos seus deveres, vão ficando prejudicados ou, aqueles que, por uma questão de educação não se atrevem a levantar protestos.

Há ainda outra modalidade que carece de correcção e é a daquelas que vindo na bicha uma pessoa amiga ou conhecida lhe pedem: — Compre-me dois para mim! — Compre-me três para F.....!

E, não raro sucede, que senho-

ras e senhores que estiveram paciente e ordeiramente na bicha, quando chega a sua vez, bem ganha e decentemente conquistada, se tem de resignar a ouvir: Já não há bilhetes!

Ora isto não pode ser! Onde há bicha, tem de haver polícia, senão de nada serve constituir aquela, pois os direitos de vez que a mesma confere, são inutilizados por aqueles que não respeitam qualquer direito e não sabem o que são deveres.

Prestes vai abrir um café novo. Esperemos que isto seja sinal de melhoria na actividade.

Talvez que este facto contribua para melhorar todos os outros. As vezes temos necessidade de ser pisados, para reconhecermos que temos calos. Já não é de hoje, nem de ontem que umas instalações novas se abrem para se promover e conseguir o melhoramento de outas.

E também já é caso assente que, muitas vezes, não é o que se julga melhor, o que consegue reabilitar-se e vingar.

Final este «Loulé... em retrato», tem dado muito que falar. Uns a favor... outros contra. Mas, nós nunca pensamos que esta secção tivesse merecido tanto interesse...

O certo é que, quando se descobre qualquer acto que precise de ser apontado, logo se comenta: — Está a pedir; Loulé... em retrato!

Agora e até, sem pagar direitos de autor há o «Quarteira... em retrato».

Reporter X

## Para os seus SEGUROS consulte

Manuel de Sousa Pedro

SEGUROS em todos os ramos

Largo Dr. Bernardo Lopes

LOULÉ

## Panelas de Pressão

a prestações mensais, desde Esc. 14\$00 só no

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5  
LOULÉ — Telef. 277

## EDITAL

**António Eleutério Antunes Costa**, Juiz das Execuções Fiscais de Loulé.

FAÇO SABER que no dia 23 do mês de Janeiro de 1958, pelas 10 (dez) horas, à porta da Secção de Finanças, se há de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados penhorados a António Lisboa Caetano e António Rodrigues Neves, casados, para pagamento de imposto de compensação do ano de 1957 (3.º trimestre)

Designação dos bens: Um automóvel (furgoneta) de carga, com o número B-F-23-74, marca «Borguanda», com a carga de 1.590 kg., particular, no estado de novo. Estes bens vão à praça nos autos de execução fiscal que a Fazenda Nacional move pelo Juízo das Execuções Fiscais deste concelho, contra António Lisboa Caetano e António Rodrigues Neves, moradores no Aroal, Boli queime. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos dos executados, para deduzirem os seus direitos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar no lugar do estilo.

Loulé, 9 de Dezembro de 1957.

E eu, Manuel da Encarnação escrivão que o subcrevi.

O Juiz,  
**António Eleutério Antunes Costa**

## Possibilidades Turísticas algarvias

(Continuação da 1.ª página)

la Real de Santo António — Monte Gordo, não só pelo movimento internacional, como também pelo centro mundano de verão em que aquela praia, desde há muito se vem transformando. Sobre tudo com a criação do Parque Campista — assunto a que nos referimos numa das nossas próximas crónicas, a Vila Pombalina, viu impulsionado grandemente não só o gosto pela prática daquele desporto, praticado também com fins turísticos, mas também a «invasão» de campistas nacionais e estrangeiros.

Em plena serra, encontramos nesse maravilhoso cenário, que é a região do Alportel, a Pousada de S. Brás — excelente local para umas férias reconfortantes, num pleno contacto, com a natureza. Louvável foi a atitude do S. N. I. ao erguer tão acolhedor edifício.

Reservámo-nos para o final a observação aquilo a que chamamos o «caso de Quarteira». Conhecedores das boas condições de acesso, clima, panorama, etc., confrange-nos que tão concorrida praia, não disponha duma organização hoteleira mais eficiente, que a sua frequência tão claramente tem justificado. Num dos últimos números da «Voz de Loulé», foi ventilada a hipótese da construção dum hotel, bem como da abertura da subscricção de acções. Mas o assunto, merece bem mais atenção, do que a limitação de hipóteses, e a ele, bem como a outros pontos de interesse, acrescentamos de «grande interesse», para o progresso de Quarteira, se tem referido R. P., com espírito crítico construtivo e visão clara do problema.

Só com boas condições de hospedagem, se pode pensar em turismo, desde que se pretenda realizar turismo sério e eficientemente orientado.

Condições não nos faltam. Resta saber aproveitar tais condições.

J. L.

## Máquinas de Escrever

ALUGA a dias ou a meses o CENTRO COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES e INFORMAÇÕES.

Rua da Carreira, n.º 5 — Telef. 277 LOULÉ

## Palha enfiada

Vendem-se 600 fardos, em Vale Luis Netos, próximo de Vale da Rosa (Barranco do Velho). Tratar com M. M. Pires — Ameixial — Algarve.

## Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

## Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente abecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

## GRANDE BAIXA DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

## QUARTEIRA...

a nossa praia

(Continuação da 1.ª página)

dos automobilistas e à febre dos velocipedistas com ou sem motor e não haja uma rua, recinto, ou passeio onde as crianças possam brincar, saltar e pular, quando a Praia na parte da tarde, especialmente, está ventosa ou pouco convidativa?

Ora o passeio, largo ou Praça que o Projecto de Urbanização apresenta, visa essencialmente obviar-se a esse insuperável inconveniente.

A parte norte desse largo, que seria constituído pela fronteira do casino viriam desembocar as estradas e ruas de ligação de todo o trânsito automóvel e ficaria completamente liberta a parte da praia, para o fim a que se destina: proporcionar sossego, comodidade e segurança a quem procura a praia para estar nela e não para apreciar marcas de automóveis ou habilidades de motoristas e corredores.

Nesse largo ou praça, ajardinado ou não, se construiriam então esplanadas de cafés, aproveitando passeios, fazendo ali sala de reunião e convívio dos banhistas da Praia de Quarteira.

E isto está tão naturalmente indicado que tudo nos propicia a configuração do actual recinto de balneio com a sua localização central em face da Praia.

O que ali está feito, nada vale como construção e afora dois ou três prédios, cuja expropriação não será difícil, parece-nos que vale bem a pena como elemento exclusivo de facultar o desafogo, cuja falta hoje se nota e só pode vir a agravar-se com o tempo.

Se não houver dinheiro para a expropriação que se deixem esses prédios isolados, porque, ao fim e ao cabo eles acabarão por sair.

Mas que se vá aumentar o valor do actual recinto de diversões com novos melhoramentos e construções é que consideramos mais uma afronta ao progresso de Quarteira, cortando-lhe a única e exclusiva possibilidade de ser uma praia, como pretendemos que seja... a nossa Praia.

R. P.

## CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida. Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

## Mutualidade Popular

Associação de Socorros Mútuos para Legados de Sobrevivência com sede em Faro.

Perante a Direcção da Mutualidade Popular, Associação de Socorros Mútuos, com sede em Faro, correm editos de trinta dias a contar da data da segunda publicação deste anúncio, para habilitação dos herdeiros ao legado deixado pelo sócio n.º 1.820, sr. AMADEU QUINTINO, que foi Farmacêutico, natural da freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, residente em Salir, onde faleceu no dia 12 de Novembro de 1957.

São por este meio convidados todos os interessados a requerer dentro do prazo designado, o que julgarem do seu legítimo direito.

Faro, 2 de Dezembro de 1957.

A DIRECÇÃO

O PNEU que mais barato lhe sai por Km.

é o da MABOR General

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

Um trecho de bom humor...

## Um caso único em futebol!!!

pelo primeira vez na história de uma taça PERDERAM OS DOIS...

(Continuação da 1.ª página)

furto... bola, atira-a para o outro meio terreno.

O ataque dos «Mineiros» está a jogar um futebol desconcertante... O ponta direita passa para a esquerda; o ponta esquerda passa para a direita: os interiores avançam em pontos de «Miura», e o avançado-centro já não tem vaga na linha da frente! Tem de ficar nas segundas filas, sem ver a baliza, atrasado e fora dos eixos.

Vai ser marcado um canto. Toda a «torcida» dos «Mineiros» canta em coro. E a esperança no primeiro golo. Martelo atira, a bola parte... mas fica inteira nas mãos de Tóto, que bate, sem dó, a progredir na área, e vai distribuí-la, em partes iguais, pelo seu ataque...

A bola não pode mais, e começa a queixar-se de dores horripantes nos gomos de baixo. Porém, o árbitro, vai-lhe dizendo: — «Isso passa, «rapariga»...

Ainda há quem diga que em Portugal não se joga nada... Mentira, tudo mentira! Está-se a jogar tanto, tanto, que em vinte minutos os jogadores já suam por todos os lados...

Nova avançada nos «Mineiros»... Vagoneta, destravado, parte, em grande velocidade, fazendo-se à baliza de Pirolito. Porém, Laranja, numa intervenção genial, muda a «agulha» ao Vagoneta, e este vai esbarrar com a bandeira de canto.

Foi um grande quite do defesa dos «giraifeiros»...

«Penalty!»... «Penalty!»... O árbitro assinalou «penalty», mesmo no centro do terreno, a castigar dois jogadores que agarraram a bola sobre a linha de meio campo.

Agarraram a bola com as mãos, o que é proibido. Ainda não se sabe para que lado vai ser marcado o «penalty»... Há grande bronca entre «mineiros» e «giraifeiros». Porém o árbitro errou, mas não quer voltar com a palavra atrás. Há que marcar o «penalty», e mais nada. Vamos ver como ele resolve este caso omni...so? A equipa de arbitragem está reunida e vai telefonar para Lisboa, para ouvir a opinião dos «técnicos»... para evitar um protesto dos dois grupos...

Enquanto Lisboa não atende, o jogo prossegue. O «penalty» fica para o fim... tanto mais que pode ser marcado depois da hora...

Os «Girafas» mudam de xadrez no team... O guarda-redes vai para fiscal de linha; o ponta direita troca com o vendedor de «Gelados» e o médio esquerdo passa para maçagista. A equipa agora está a dar melhor rendimento, visto que o ponta direita não dá mãos a medir, na venda de servetes, e o guarda-redes não deixa passar avançada nenhuma, sem «obeçaite»!

Réplica dos «mineiros», que descem com Marreta, Martelo e Alavanca numa ofensiva mal intencionada. Tóto enche-se de tremor e foge para a bancada. Com a baliza às moscas... a bola só não entra porque... «sai fora»...

Controvérsia dos «Girafas», rapidíssima, fulminante! Canhão prega uma cabeçada no Pirolito, que lhe deixa as ventas a saber a pão de milho... «Knockout» como no boxe. Agitam-se toalhas, o

árbitro conta até dez, e o guarda-redes não acorda. Em face disso, o árbitro dá a primeira parte por terminada.

A segunda parte começa, praticamente, com um golo de Canhão. Este jogador, agora a jogar à ponta toda, infiltra-se e dispara um grande «tiro». Pirolito, ao pretender defender, in-extremis, vê desaparecer a pala, que lhe servia de marquise, ao boné, e a bola anicha-se nas redes. «Girafas» 1, «Mineiros» 0. Com a alegria do golo Tóto faz caretas e Lucas, que se está a fazer Lucas, já foi prevenido pelo sr. Faneca de que iria «passar»...

A partida endurece mais que um pão de oito dias... tornando-se dura de roer para os jogadores e para o árbitro...

Numa jogada de «vai ou racha» dos «mineiros», Cara d'Aço intervem, Marreta acerta-lhe um toquezinho e há faíscas. Depois, é Alavanca que vem no ar e lhe passa por cima, a dois dedos, sem a mínima intenção de ferir lume...

O grupo dos «Mineiros» faz modificações na equipa. Agora passa a actuar com o 6 x 4 x 19! Manda recuar seis guarda-redes, para fazerem a zona fechada frente à baliza de Pirolito; quatro defesas, em sistema «Yale»; um «groom», para levar ordens do treinador, e 19 avançados, aproveitando a oportunidade para lançar uma remessa de «juniores». O sistema de «cadeado», imposto à baliza, está a dar um resultado, pois os adversários não acertam com o segredo...

Golo dos «Mineiros»!... Ainda não se sabe quem meteu... Estão 23 pessoas nas malhas de Tóto! Quatro guarda-redes batidos, seis defesas caídos, 9 atacantes que remataram e dez pessoas que saltaram ao campo, com o entusiasmo. O árbitro aponta o centro do terreno, mas a bola não aparece... Ninguém se acusa. O árbitro, que é um senhor muito desconfiado, chama a polícia. Mais seis polícias dentro das redes! Interrogatório. A defesa está comprometidíssima e vai ser acariada. Entretanto, o sr. Faneca dispensa os atacantes, de serem ouvidos, e manda-os para o meio campo. Por fim, a bola aparece. Estava espalhado debaixo de tanta gente, a gemer. O árbitro manda-a para o centro em jeito de lançamento de disco... A bola toma ar, no ar, e apesar de ficar um pouco estrábica, propõe-se a continuar.

Com um golo no papo e outro no saco, as equipas fazem greve. Vão para a tática do: «daqui não saio, daqui ninguém me tira» cantada em Lusitano... As grandes áreas estão à cunha de jogadores recuados. No centro, uma clareira, a lembrar o Terreiro do Paço, apenas com o árbitro a armar em «cavalo de D. José»...

O árbitro apita, apita outra vez — farta-se de apitar e ninguém sai das suas zonas defensivas. Volta a apitar, e como os grupos não se dão ao jogo, resolve derrotar as 2 equipas. E assim pela primeira vez na história do futebol perderam os dois ao mesmo tempo...

Faro, 3 - VI - 1957

António Augusto Santos

## SINGER\*

Temos a honra de convidar o

Ex.º Público a assistir no próximo dia 24, pelas 15 horas, à festa de encerramento do

CURSO DE COSTURA PARA CRIANÇAS

que levámos a efeito no nosso Estabelecimento desta Vila.



\* MARCA REGISTRADA DE THE SINGER MANUFACTURING CO.



## Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido  
por Lei, vendem-se na

**Gráfica Louletana**

LOULÉ



## NOVOS LIVROS

### O NOSSO LAR

Jaime Lúcio, com nada menos do que oito livros publicados, acaba de nos enviar o seu último livro, *O NOSSO LAR*, quadras. Trata-se de um volume com um excelente aspecto gráfico, composto por três partes, quadras sempre: *O nosso lar*, *Mês de Junho* e *Mês dos Santos e Ao Serão*.

Sempre que lemos um livro de quadras lembramos-nos desses dois poetas algarvios que tão bem dominaram o género, António Aleixo e Bernardo de Passos, o primeiro especialmente, devido à intuição que se sente nas suas rimas tão belas. Em Jaime Lúcio, embora por vezes encontramos algumas peças de belo efeito, nem sempre a quadra é traçada com aquela espontaneidade e sobriedade que o género necessita mas, nem por isso, o valor da sua poesia é diminuído. Lembra-nos, sim, esse também exímio artífice da quadra que é Alberto Marques da Silva. Mas essa coisa dos «momentos altos e momentos menores» é até uma das constantes dos grandes poetas, dos verdadeiros poetas...

O NOSSO LAR é um livrinho de quadras que se ramifica por vários temas, estando bem definida a linha entre o bem e o mal que os autores do género seguem. Geralmente, quando se escreve uma quadra, é com aquele intuito antigo de cantar como quem aconselha, de cantar como quem adverte ou enaltece, como quem ama e deseja que se ame, o bem sempre, porque, no dizer de um grande pensador, tudo o que se ama, só porque se ama, é bem. Assim encontramos quadras sobre a harmonia do lar, sobre o respeito e carinho que devemos aos menos felizes, sobre a maldade e incompreensão dos homens. E, sobretudo, uma boa coleção de quadras sobre o amor, o eterno tema...

Transcrevemos algumas das quadras de Jaime Lúcio, precisamente as que consideramos mais belas:

Dois corações beira a beira  
E quatro olhos em brasa  
E que formam a lareira  
Que agasalha a nossa casa.

Entra na roda, a menina,  
Pra que são tantas cautelas?  
— Todos sabem que és traquina,  
Do lenço até às chinelas...

Junto de ti, ao serão,  
Só penso numa loucura:  
— Fazer do meu coração  
O teu cêsto de costura.

Menina: — sendo solteira,  
Tem cautela a namorar.  
Pode apagar-se a fogueira  
E o teu noivo não casar.

Na carta da minha amada  
Puz um selo de desejos  
E, por amor, foi fechada  
Num subscrito de beijos.

C. B.

## Gínginha e Eduardino

das Portas de Santo António  
as melhores bebidas do País  
Vende por atacado e a retalho  
**M. Brito da Mana**  
Telefone 18 LOULÉ

## SCOOTER

Em estado nova, vende-se. Marca Durkopp Dianna, 2 H. P.  
Nesta redacção se informa.

## A televisão

**E EU...**  
(Continuação da 1.ª página)

primeira supracitada são os de 750 escudos mensais e têm quatro divisões: sala de jantar-cozinha; um metro de corredor; uma casa de banho; e um quarto com 95x50 cm. Os da segunda, isto é, os tais com água fria, são de 550 escudos mensais, igualmente com quatro divisões: sala de jantar (com um igual desvão que serve da cozinha...); meio metro (mal medido) de corredor; casa de banho com 0,35 cm.; e um quarto (contando já com a mobília) com 55x20 cm.

Os nubentes casam-se, é certo, mas têm de recorrer a uma junta de inspecção para poderem entrar no oásis (e quem terá o deslante de duvidar que, apesar de tudo, tais galinheiros não sejam um oásis?!). E os fabricantes de mobílias?! Bom, é progresso é progresso; e há que caminhar com ele lado a lado. E desse modo, a coisa foi já resolvida; têm um empregado permanente junto dos arquitectos, empreiteiros, etc., para que lhe seja possível rectificar, de hora para hora, as medidas exactas e o estilo do mobiliário mais apropriado para estes descabidos galinheiros.

Já se não vêm as tais mobílias, e o amigo tele-espectador recorda-se de as ver em catálogos, estilo D. João IV, D. Pedro V, século XVI, etc., mas sim uma infinidade de novos e moderníssimos estilos, deliberados à base da arte (?) abstracta, tais como: o modelo caixa de fósforos; pantufa; folha de couve; o estilo Picasso, Dali, etc.

(Gostariamos de explicar e, vá lá, definir tais mobiliários, mas tal como acontece na arte moderna são para ver e não para compreender...).

... Por tudo isto, cada vez há mais casamentos. Há os casamentos em 3-D que não saem da casa dos sogros nem a martelo. Lá fazem a boda, a vida, e têm muitos meninos... cuja ama-gratuita (a tal sogra mal vista por todos) criou os seus filhos e atura os dos outros; — e lá morrem, coitadinhos, sem nunca terem pago a renda, a água, e a luz...

Os outros, os que vendem postas de pescada impróprias para o concurso, são os casamentos em Cinemascópio e que habitam nos tais galinheiros... para botarem figura. Nós sabemos que para festejar um aniversário, o baptizado do menino, e mais outras reuniões congêneres, o galinheiro não tem condições (nem espaço...) para tanta gente, e vai daí, qual a sequência seguinte? A cena desdobra-se (salientemos nesta afirmação o Scópio...) e fazem-se as festas e recebem-se as visitas na casa dos sogros! E para que servirá, neste caso, o galinheiro? Ora, para figurar nos cartões de visita! Pois claro!

... Estão a topar a coisa?!  
DE UMA CARTA...

«MARIA: Arrecebi a tua carta e aqui estou a te responder. Maria estimo que ao arreceberes esta Deus te encontre de saúde pois eu cá vou ficando com uma dor das costas assim a modos cunha picada que não me larga há que tempos, Maria conrespeito áquilo da tua carta pesso-to para não dares conversa a esse gajo que eu quando for parto-lhe a cara com uma mão e pesso-to para me digeres se ele te continua a seguir quando vais à rua a mais a tua senhora, Maria conrespeito ao quartel cada vez estou mais aburrecido e cada vez ganho menos e pago as noites a gritar á lerta mas gosto muito do rancho pois inté estou mais gordo e o pão parece igual á quele que a ti Esmeralda cosia na fornada do meio dia, Maria vou pedir ao sargento uma semana de licença para ir-te ver e partir a cara a esse tipo queu cá não sou para brincar, Maria vou terminar esta pois hoje faço a fascina á cavalerica e amanhã faço o pelantão á caserna e depois vou inté á casa da minha tia e lá como o quele me dar, Maria não liguas para esse tipo queu lá indo logo falo para ele e nós os dois vamos pazeoar. Adeus, adeus e pede á menina da tua patrão para arresponder a esta carta queu quando for agradeço, adeus, adeus e arrecebe soudades do teu Manuel.

Agora frequento a escola do quartel e já parece um dotor a ecrever, adeus, minha querida Maria».

### A ANEDOTA DA SEMANA

— Tens aí vinte escudos?!  
— Não...  
— E em tua casa?  
— Todos bons, muito obrigado!

Emílio Valongo

## MINHA TERRA

Por três cabeças espreitadas  
estende-se ameais pés...  
raízes de fogo creadas  
na terra onde nasci

Ritmos exigentes  
ardidos em folhas de árvores  
num movimento de imagens...  
...e nos corgos

alem no alto  
abrem-se vertentes quebradas  
em montanhas verticais

Terra minha  
minha amada!

Santa Luzia  
minha amada!  
das tardes inteiras de meninos  
que partem dos grandes largos  
para as lutas cerradas

Cabeça de Mestre vem jogada  
em multiplas simpatias  
e os trabalhadores cantarão a terra  
onde me quero dissolver  
porque o meu corpo é formado  
pela terra que desejo ser

Campos da Goldra  
Cruz d'Assumada  
estendidos para além da vila...  
Oh gente da minha terra  
cheia de acolhimento  
olhai a vivacidade das águas  
no contraste do tempo!

Além  
Cabeça de Câmara lançada em duas ondulações!  
Montes que se erguem da terra  
como os seios saiem do peito...

Terra minha  
minha amada  
que em meu peito se gravou

Por três cabeças espreitado  
me dissolvo e decompouho  
a devolver-me á terra que sou.

COSTA MENDES

## AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

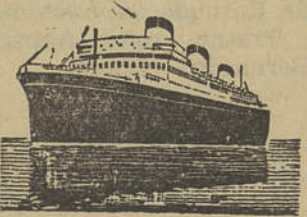
Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, Africa, Américas  
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas  
as Companhias.

Obtenção de passaportes  
e vistos Consulares



Quando V. Ex.<sup>a</sup>  
pretender comprar

Livros, Revistas, Artigos escolares, T. S. F. e T. V., Máquinas de escrever, Candelários eléctricos e outros artigos de novidade,  
CONSULTE SEMPRE o  
Centro Comercial de Representações e Informações  
Rua da Carreira, n.º 51  
LOULÉ — Telef. 277  
onde compra com grandes facilidades de pagamento.

## Lenha de azinho

Vendem-se 1.200 arrobas de lenha de azinho, na Herdade de Estraga Mantens, próximo de Vale da Rosa (Barranco do Velho).  
Tratar com M. M. Pires — Ameixial — Algarve.

## ARMAZÉM

Aluga-se um armazem na Avenida José da Costa Mealha, 4.

## Mário C. Drago

SERVIÇOS MÉDICOS A QUALQUER HORA

Consultório e residência:

Avenida José da Costa Mealha, 34

LOULÉ

## Banco A. Ultramarino

Jantar de homenagem  
aos empregados  
com mais de 40  
anos de serviço

A fim de assistir à tradicional festa de homenagem dos empregados do Banco Nacional Ultramarino, seguiram para Lisboa, em representação do departamento desta Vila, o nosso prezado colaborador sr. Raúl Rafael Pinto, digno Gerente, e o sr. Mário Cabrita Guerreiro.

Aqui se juntaram com os funcionários que de Silves vão representar a Agência daquela cidade, cuja gerência está a cargo do sr. João Carneiro Jacinto, que durante muitos anos exerceu o lugar de Chefe de Serviços na Filial do mesmo Banco, em Faro.

—X—X—X—X—X—X—X—X—

## Cine-Clube de Espinho

É com grande satisfação que acusamos a recepção de mais 3 programas do Cine-Clube de Espinho, referentes à exibição dos filmes «O pão nosso de cada dia» de De Santis, «A morte de um Caixeiro viajante» de Lázlo Benedek e «A Intrusa» de Alberto Lattuada.

Porque já conhecemos todas estas películas, bem como todas as apresentadas anteriormente, podemos elogiar o Cine-Clube de Espinho pela escolha dos filmes apresentados. Além disso, os programas são também excelentes, o que dá ambiente a um Cine-Clube (de jovens se não erramos — essencialmente). Os nossos agradecimentos.

## OFERECE-SE

Um lindo candeeiro eléctrico de cabeceira a quem comprar um ferro eléctrico de engomar durante o mês de Dezembro.

Um brinde de Boas Festas da casa de

JOSE GUERREIRO  
MARTINS RAMOS

Rua de Portugal, 31

LOULÉ

«A Voz de Loulé» — Loulé

N.º 156 — 15 - 12 - 1957

## Tribunal Judicial Comarca de LOULÉ

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado João Martins Rodrigues, casado, comerciante, residente nesta vila de Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença que contra aquele e Américo Rosario Noivo move o Banco Lisboa & Açores.

Loulé, 21 de Novembro de 1957  
O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
Marino Barbosa Vicente  
Júnior

## Mataalitude Popular de FARO

Com larga presença de sócios, teve lugar no passado dia 6 a Assembleia Geral, em primeira reunião, sob a presidência do sr. Torres Vieira, para a eleição dos corpos gerentes desta prestigiosa Associação, para o exercício de 1958.

### DIRECÇÃO

Presidente — Dr. Leonel Rosa dos Santos Agostinho, Funcionário Corporativo.  
Secretário — Victor Emmanuel Beleta, Empregado Bancário.  
Tesoureiro — António Palmeira, Comerciante e proprietário.  
Vogal — António José do Patrocínio, Oficial dos CTT.  
Vogal — Francisco Daniel, Contabilista.

É de salientar o facto de nos últimos anos as Assembleias Gerais, ordinárias, funcionarem na primeira reunião, o que demonstra bem o interesse que os sócios dispensam à vida da sua Associação, uma das mais prósperas do País.

## M.A.N. DIESEL

FABRICANTES DO 1.º MOTOR  
DIESEL

## TRACTORES

A MAIOR MARCA MUNDIAL

## TRACÇÃO ÀS 4 RODAS

### MOTOR SISTEMA "M"

MULTI-COMBUSTÍVEL EXCLUSIVO "M. A. N."

Sem qualquer modificação e sem diminuição de rendimento, pode consumir: Gasóleo, Fuel Oil, Óleo queimado, Gasolina, Óleos vegetais, Petróleo, etc.

### MOTOR BEBE TUDO

## ESCLARECIMENTOS E DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

PARA TODOS OS TERRENOS  
EM EXPOSIÇÃO:

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3  
TELEFONES: 59979 (7 linhas) — LISBOA

Filiais: PORTO — Rua Santo Ildefonso, 535  
ÉVORA — Rua Serpa Pinto, 43

MODELOS ESPECIAIS PARA TODOS OS FINS

AGRICOLAS — INDUSTRIAIS

POTENCIAS: 29 - 40 - 50 HP

PESOS BRUTOS REBOCAVEIS: 17-20-30 TON.

Todos com levantamento Hidráulico. Equipamento completo, incluindo iluminação, tambores, dispositivo de reboque.